



Diasporizações: migrações e movimentos de pessoas e mundos

Janaina Santos de Macedo¹

Resumo: Neste artigo parto da ideia de diáspora para pensar a dispersão de ideias, saberes, práticas, informações, bens e afetos provocadas pelos deslocamentos de pessoas através dos processos migratórios contemporâneos. As culturas compósitas, como podem ser compreendidas as diásporas haitiana e senegalesa, são multilocais, desterritorializadas das nações, multi-situadas em múltiplas ancoragens, de forma que suas identidades tendem a ser rizomáticas, indo ao encontro de novas possibilidades. Nestas culturas, ir ao encontro do outro é encontrar-se e não perder-se. Procurando iluminar os processos de transformação em curso nas performances e narrativas dos meus interlocutores e interlocutoras, ilumino algumas de suas novas formas de existir, constituindo movimentos políticos e poéticos, articulando novos sentidos e sensibilidades e transformando contextos e relações.

Introdução

Acompanhei ao longo dos anos de minha pesquisa doutoral os passos, as errâncias, os movimentos, os improvisos de migrantes haitianos e senegaleses que vieram para Santa Catarina ou que passaram por aqui e reemigraram para outras cidades ou países.

¹ Este texto é o desdobramento de alguns trechos de minha tese de doutoramento em Antropologia Social, defendida em 26 de fevereiro de 2019 na Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada *Pessoas e mundos em movimento: Migrantes haitianos e senegaleses na região da Grande Florianópolis (SC)*.

Durante este tempo diversos foram os deslocamentos e seus sentidos, mas trago aqui uma passagem do campo que considero emblemática pela potência que evoca.

Ela se refere a uma das muitas tardes que passei no centro na companhia do casal de amigos senegaleses Zidan e Claire, junto com outros senegaleses, equatorianos, bolivianos e peruanos que vendiam mercadorias como ambulantes nas ruas mais movimentadas das imediações do terminal de ônibus. Esta atividade comercial era considerada ‘irregular’ pelo setor público, pela mídia hegemônica e pelos comerciantes estabelecidos, que em geral formavam um bloco único criando e reverberando discursos que associavam os senegaleses a ‘ilegalidades’. Em virtude desta posição, contra suas atividades e contra os sujeitos que as exerciam, impunha-se uma rígida vigilância e repressão, que constantemente encaminhava-se para situações de violência e desrespeito aos direitos humanos. E de tempos em tempos a *chuva* vinha, causando grande impacto social e político. Era assim que a polícia era chamada no aviso que corria de boca em boca e através do *whatsapp*, para alertar os demais ambulantes.

A *chuva* chegava de repente, apesar de já ser esperada e temida, visava espantar os ambulantes, fazendo com que se retirassem dos lugares que ocupavam, juntamente com suas mercadorias. Quando ela chegava se escondiam em algum lugar, muitas vezes precisavam correr, algumas vezes perdiam as mercadorias (que eram confiscadas, na maior parte das vezes sem qualquer documento comprovando a apreensão) e em outras eram agredidos física e verbalmente. Esta ação repressiva costumava provocar uma sequência de ações desencadeadas pelos senegaleses, assim como pelos demais migrantes, repetidas pelas ruas e praias da Grande Florianópolis assim como em outras cidades pelo mundo, diariamente.

Assim, na maior parte das vezes, logo que as forças policiais e fiscais iam embora, a cena recomeçava e eles voltavam ao mesmo lugar e faziam desabrochar suas lonas azuis, vermelhas ou laranjas como pétalas coloridas repletas de mercadorias como tênis, roupas e capinhas de celular. Eu ficava junto com eles, neste ir e vir, e enquanto conversávamos, ficávamos sempre atentos ao possível retorno da *chuva*. Mas, logo no início do trabalho de campo, houve uma vez em que tive medo devido a postura excessivamente truculenta da polícia e por saber que Claire estava grávida. Ela e Zidan, depois de recolherem suas mercadorias mais uma vez naquela tarde, foram caminhando tranquilamente até um determinado ponto de uma rua perpendicular e ali novamente estenderam suas lonas para voltar a vender. Eu os acompanhava, e já era a quinta vez que mudávamos de lugar

naquela tarde, e perguntei se não seria mais seguro ir para casa e não vender mais nada naquele dia, pois a polícia mostrava-se mais intimidadora que o habitual.

Eles responderam-me que “é assim mesmo”, estão acostumados a viverem esta realidade todos os dias, mais de uma vez. Já viveram-na em outros países e em outras cidades, assim como seus parentes e amigos senegaleses. As narrativas que eles escutavam de outros senegaleses que migraram lhes informaram que ‘era assim mesmo’ e, apesar do medo da possibilidade de violência iminente, esta situação era vista por eles com certa normalidade, o que não significava que não houvesse problemas graves, inclusive assassinatos e roubos. O novo local escolhido ficava praticamente no meio de uma rua em que não passavam carros, um calçadão bastante movimentado. Eles não se incomodavam de ter que trocar de lugar, de se deslocar, de mudar de posição. Colocavam-se aberta e tranquilamente em fluxo, contornando barreiras e fronteiras, assim como alguns dos transeuntes que passavam pelo calçadão e precisavam desviar das mercadorias expostas no chão. Em muitas outras vezes que estive com eles e outros interlocutores senegaleses, experimentei situações semelhantes, algumas vezes mais dramáticas. Houve também situações em que estávamos conversando pelo telefone ou *whatsapp* e nossas conversas eram interrompidas por minutos e quando retornavam diziam “desculpe, a gente ‘tava’ correndo da polícia, ‘tava’ na correria”. A *correria*, experimentada cotidianamente transformava-se, tanto quanto o ato de migrar, numa experiência compartilhada transnacionalmente a partir de poéticas e políticas que envolvem certa dose de improvisação para lidar com fronteiras e barreiras existentes.

Movimentos, mudanças de paisagens e improvisações

Os múltiplos atravessamentos de fronteiras experimentados pelos migrantes são transformadores de paisagens sociais e criadores de novos movimentos com reverberações transnacionais. Apesar de tanto haitianos quanto senegaleses assumirem-se como tradicional e historicamente informados pelas longas tradições diaspóricas de seus países, e de a literatura confirmar esta historicidade dos deslocamentos humanos desde o Haiti e desde o Senegal (Handerson, 2015; Macedo, 2018; Fall, 2010; Koff, 2014; Sanka, 2014), foi possível constatar que muitos deles não seguem, na maior parte das vezes, rotas definidas e diretas entre local de origem e local de chegada. Seus movimentos e as trajetórias percorridas constituem-se continuamente através das interações e relações

estabelecidas nos territórios atravessados e são continuamente transformados por novas conexões e pela agência dos sujeitos, apesar das inúmeras fronteiras físicas e simbólicas².

Além disso, suas trajetórias implicam sucessivos e constantes movimentos de resignificação e readequação, pelos mais variados motivos. Assim, segundo meus interlocutores, não é apenas por não encontrar emprego que as trajetórias migratórias são redefinidas, contrariando a tese das migrações econômicas, mas por oportunidades de estudos, de maior convivência com familiares ou amigos, em busca de clima menos frio, de mais contato com a comunidade de origem, de acesso às práticas religiosas, ou de muitas outras possibilidades que podem tornar a vida mais parecida com aquela imaginada.

Jean-Louis Sanka que analisou as migrações transfronteiriças da região dos *Rivières du Sud*³ afirmou que a migração “está em fato inscrita na prática espacial dos grupos estatutários e simboliza os processos de construção, desconstrução e reconstrução espaciais” (Sanka, 2014, p. 166). Na região, cujas fronteiras foram demarcadas no contexto colonial, as economias e relações étnicas não seguiram os limites dos Estados-nações, conformando, tanto nos imaginários quanto nas práticas constantes movimentos transnacionais. Esta não fixação à ideia e ao poder nacional, de certa forma, acabou servindo como campo de experimentação ou passagem para migrações mais distantes. Diversos de meus interlocutores senegaleses moraram em países vizinhos no continente africano antes de migrar para o Brasil, como foi o caso de Zidan, que morou e trabalhou no Gabão por anos e de Macky que morou e trabalhou, além do Senegal, na África do Sul e na Costa do Marfim. E as relações que se estabelecem nestes espaços transnacionais não são apenas comerciais e econômicas, como atesta a segunda esposa de Macky, que ele conheceu na Costa do Marfim.

Assim as trajetórias de mobilidade e busca por uma relativa fixação produzem ecos. Cada migrante, a partir das narrativas elaboradas por eles, com eles e a respeito deles torna-se o epicentro de um movimento que pode contribuir para seus projetos ou abalá-los, transformando-se em mais deslocamentos ou em imobilidades.

² Estas materializam-se pela ausência de políticas públicas, pelas dificuldades com a língua e outros códigos culturais, pela dificuldade de validação de diplomas, pela baixa oferta de atividades profissionais disponíveis ou pela oferta de atividades de nível inferior ao pretendido, pelos baixos salários, pela exploração da mão de obra, além de discriminações de gênero, classe, raça, religião e nacionalidade de origem.

³ Espaço eco-geográfico do oeste africano que engloba parte do Senegal, Guiné Bissau, Serra Leoa, Gâmbia, Guiné-Conakry e Libéria.

Desta maneira os migrantes com suas presenças, performam e narram possibilidades de resistência como existência, propondo uma transformação na ordem social que se aproxima do pensamento de De Certeau (2014), para quem o espaço não é ontologicamente dado mas origina-se de um mapa discursivo e de práticas corporais ou performances. E através de uma poética do espaço, Bachelard nos diz “¿Y qué hermoso objeto dinámico es el sendero!” (Bachelard, 1975). E ainda George Sand⁴ em seus *Poèmes* pergunta “Há algo mais belo que um caminho?”. O caminho, como o rio, está em constante transformação.

Mas para que seja possível compreender os sentidos destas transformações, teria como seguir o conselho de Denis Retaille e Oliver Walther quando afirmam que somos ainda influenciados por uma ‘visão sedentária de espaço’ e precisamos mudar o “paradigma sedentário de geografia baseado na trilogia de pontos, linhas e superfícies (Retaille e Oliver, 2014, p. 208). De acordo com estes autores a mobilidade não é uma consequência, mas uma força motora para acelerar a integração global. A palavra migração inclui imigrações, emigrações, situações de refúgio e solicitação de refúgio, através da adoção de uma posição descentrada e crítica em relação aos enunciados administrativos, midiáticos ou públicos, categorias sempre em defasagem em relação à complexidade social⁵.

Pode-se, portanto, tomar o ‘migrante’ como uma categoria de classificação complexa que articula múltiplas dimensões raciais, geográficas, territoriais, nacionais, históricas, religiosas, econômicas, de gênero, de classe, imaginativas, entre outras e a migração como um fenômeno social liminar, político e poético, que articula passado e presente através de temporalidades e espacialidades múltiplas, envolvendo a agência na definição de para onde se deslocar mas também muitas experimentações e trajetórias menos estáveis e fixas, atravessadas pelos interesses dos estados-nação e suas fronteiras.

Migrar – diferentemente das situações de refúgio e de tráfico humano - foi desde sempre, um ato voluntário de resistência e neste sentido, um ato político. Resistência ao clima, às guerras, à fome, à falta de emprego, à falta de horizontes imaginativos, aos efeitos do colonialismo e da economia, aos sistemas políticos e às desigualdades sociais,

⁴ George Sand é o pseudônimo de Amnachine-Aurore-Lucile Dupin, escritora que teria se disfarçado de homem para poder experimentar e se movimentar livremente pela cidade “a fin de poder experimentar la libertad de género del flâneur” (Clifford, 2008, p. 47).

⁵ Segundo Agier (2016) migrante é um termo descritivo, neutro e genérico, referindo-se a pessoas em deslocamento, sem prejudicar de onde vêm ou para onde vão, ao passo que refugiado é uma categoria histórica sujeita a reelaborações conforme o contexto, além de uma definição jurídica e institucional.

religiosas, étnicas, de gênero, etc. O exílio, o desenraizamento e a errância, para Édouard Glissant (2011), podem ser proveitosos na medida em que constituam experiências de procura pelo outro. Migrar, portanto, estabelece novas posições históricas e sociais, com efeitos imediatos e locais, bem como futuros possíveis para outros sujeitos, aqui ou nos países de origem, podendo ou não impulsionar deslocamentos, criando narrativas (co) movedoras transnacionalmente.

Apesar disso não se pode perder de vista o fato de que a mobilidade das trajetórias migrantes também é muitas vezes atravessada pela imobilidade, temporária ou definitiva, mas nunca total, pois a agência dos sujeitos migrantes lhes permite encontrar alternativas, ainda que em escala reduzida, através de micro-movimentos. A imobilidade⁶, mesmo a dos campos de confinamento em que se transformaram os campos de refúgio (Agier, 2011) ou locais de detenção de migrantes apresentam micro-resistências devidas à agência dos sujeitos.

Os movimentos poéticos e políticos criados pelos processos migratórios representam fluxos de transformação da realidade e envolvem projetos, narrativas e experiências intersticiais, que apesar das interrupções e fissuras constroem com elas e através delas aquilo que Crapanzano (2005) definiu como ‘horizontes imaginativos’⁷, “que se ampliam da insistente realidade do aqui e agora para aquele espaço ou tempo optativos – o espaço-tempo – do imaginário” (Crapanzano, 2005, p. 364). Desta forma funcionam como mirantes para a esperança e o desconhecido, aliando “a visão profética do passado juntamente com a visão profética dos espaços longínquos” (Glissant, 2005, p. 91)⁸. Esta

⁶ Carling fala da imobilidade involuntária (Carling, 2001), aquela que sendo imposta aos migrantes lhes impede de continuar seus deslocamentos, mas de acordo com nossa análise esta imobilidade é sempre relativa e repleta de improvisações.

⁷ Comentando sobre a transitoriedade e as sucessivas transformações do processo migratório a partir da obra fílmica de Jean Rouch, Gonçalves escreve “parece central na etnografia rouchiana sobre migração (que) acentua[r] esta capacidade do devir no sentido da transformação, da essência de estar no mundo atuando como jaguar, vendedor de perfumes, chefe de uma madeireira, um *kaya-kaya*, carregador do porto” (Gonçalves, 2008, p. 176).

⁸ Segundo o autor “a errância e a deriva são o apetite do mundo. Aquilo que nos leva a traçar caminhos pelo mundo, A deriva é também uma disposição do *sendo* para todas as espécies de migrações possíveis. A *drive* é – tal como podemos vivê-la e concebê-la na própria Martinica – uma palavra que provém de ‘deriva’ e que tornou-se uma palavra crioula. A *drive* é a disponibilidade, a fragilidade, a obstinação pelo movimento, e a preguiça em declarar, em decidir dogmaticamente. E a errância é o que inclina o *sendo* a abandonar os pensamentos de sistema em prol de pensamentos, não de exploração – porque esse termo tem uma conotação colonialista – mas de investigação do real, pensamentos de deslocamento, que também são pensamentos de ambiguidade e de não-certeza. E eles nos preservam dos pensamentos do

abertura para a errância, o devir e a criação de horizontes imaginativos são uma constante na maneira como Kogi, um de meus interlocutores haitianos, experimentava seus deslocamentos e migrações. Segundo ele “é preciso abrir a mente para que as portas se abram”.

Os fluxos migratórios apontam ainda para o que Turner (2008, 2013) definiu como liminaridade, zona simbólica de transição ou passagem, espaço de indefinição que é transformativo, indefinido, criativo mas também desconhecido e repleto de rupturas. O sentido de liminaridade me foi primeiramente sugerido por diversos interlocutores, tanto homens quanto mulheres que diziam como Semb que “é natural mudar para outro país para conhecer outras realidades”. ‘Conhecer’ para eles assumia o significado de experimentação, processo através do qual o movimento de deslocar-se de um lugar a outro gera outros movimentos. Deste modo atribuíam suas práticas e narrativas ao gosto pelas viagens, à vontade de conhecer o mundo, à necessidade humana de conhecer outras terras e aprender outras coisas, a algo necessário para constituir-se como sujeito, além dos aspectos materiais e econômicos.

Alioune, em uma feira de artesanato na qual expunha produtos e roupas confeccionados por ele, me explicou assim: “Todo *senegal* gosta de viajar, não pode parar em nenhum lugar, deixamos as coisas boas no Senegal e viajamos, pois precisamos conhecer o mundo”⁹. Deste modo as impermanências, permanências, circulações, deslocamentos, movimentos constantemente narrados e percebidos durante o trabalho etnográfico junto aos migrantes do Haiti e do Senegal, apontam para outras formas de compreensão do mundo, mais fluídas. Trata-se de uma maneira diversa de experimentar a temporalidade e a espacialidade, a partir da sobreposição de múltiplas conexões coetaneamente¹⁰.

sistema, de sua intolerância e sectarismo. A errância tem virtudes que chamaria de totalidade: é a vontade, o desejo, a paixão de conhecer essa totalidade, o ‘Todo-o-mundo’. Mas comporta também virtudes de preservação, no sentido de que não temos a intenção de conhecer o ‘Todo-o-mundo’ para dominá-lo, para dar-lhe um sentido único. O pensamento da errância nos preserva dos pensamentos de sistema” (Glissant, 2005, p. 128).

⁹ Esta ideia de que “quem viaja tem muito que contar” é descrita por Walter Benjamin (2012) como uma das duas figuras (arque)típicas de narrador. Além daquele que mesmo sem ter saído de seu país e justamente por ter permanecido num local, conhece muito bem suas histórias e tradições. Benjamin encontrou no período medieval quando “o mestre sedentário e os artífices viajantes trabalhavam juntos na mesma oficina; e cada mestre tinha sido um artífice viajante antes de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro” (Benjamin, 2012, p. 215) a origem desta dupla tradição que valorizava tanto a fixação quanto a cultura viajante, nômade, tal qual a de marujos e comerciantes (e migrantes).

¹⁰ Nima Spigolon no artigo *Nunca voltamos, sempre chegamos – reflexões sobre processos e situações de deslocamentos fora do país de origem* apontou esta perspectiva: “nos últimos anos, tendências teóricas, categorias analíticas e dados empíricos têm caracterizado as relações que ultrapassam as fronteiras da

Os (co)moveres¹¹ foram experimentados pelos sujeitos migrantes e sentidos por mim através reiterados encontros e desencontros com pessoas que mesmo tendo emprego fixo e remuneração razoável em comparação com outras, tendo chegado há pouco tempo, resolveram partir novamente, reemigrar, refazer suas trajetórias. Eles atualizavam, através dos seus movimentos diaspóricos, o pensamento de Aimé Césaire em *Caderno de um retorno ao país natal*: “eu não sou de nenhuma nacionalidade prevista pelas chancelarias” (Césaire, 2011, p. 63). As trajetórias migratórias também são comoventes para os próprios sujeitos migrantes, para suas famílias e conhecidos nos países de origem e de acolhida, influenciando outras trajetórias, criando efeitos transformadores que movem e comovem.

Desta maneira as migrações, através de uma abordagem atenta às interseccionalidades atuam como fenômenos (co)movedores, implicando migrantes e não-migrantes em um processo dialógico que articula poéticas e políticas através do contato e fricção de múltiplas dimensões da vida social.

Jeremy veio do Haiti em 2015 e no final de 2016 *entrou*¹² sua irmã Rachel. Ele residia com ela e mais dezessete haitianos numa casa próxima de seu novo trabalho após mais de oito meses desempregado. Como falava bem português me auxiliava com as aulas que ministrava para os haitianos recém-chegados e corrigia meu francês. Pediu que o ajudasse a estudar para um processo seletivo que faria na cidade de Chapecó, pois queria muito retomar a faculdade de Direito interrompida no Haiti. Depois de semanas de estudos, foi aprovado para Filosofia e resolveu mudar-se para Chapecó dois meses e meio depois de ter iniciado no novo emprego. Lá ele não conhecia ninguém e tampouco tinha emprego, mas a possibilidade de estudar lhe pareceu mais promissora.

‘ida e da volta’, da ‘emigração e da imigração’, e revezam as terminologias da ‘transnacionalidade’ e da ‘desterritorialização’, apontando para uma ‘circularidade migratória’, bem como para campos sociais e dimensões humanas que inter-relacionam povos, territórios e países. É um fenômeno complexo que requer aprofundamento a partir das diferentes perspectivas oriundas de diversos cenários migratórios” (Spigolon, 2016, p. 120).

¹¹ A expressão ‘(co)mover’ enfatiza a “experiência física do movimento entre lugares” (Thomson, 2002, p. 359) e evoca afetos, através dos sentidos do mover e do comover. Assim, do mesmo modo que os planos e as trajetórias dos sujeitos migrantes são, em geral, continuamente reelaborados, os sentidos implicados nos processos migratórios e nas narrativas e performances que os acompanham permanecem em constante movimento ou movimentam-se com relativa facilidade, apesar das fronteiras reais e simbólicas.

¹² *Entrar* uma pessoa é um modo nativo de falar que se refere a ajudar no processo migratório de uma pessoa desde o Haiti ou desde o Senegal para o Brasil. O conceito é empregado tanto para o planejamento da viagem (‘quero fazer minha mãe entrar’), quanto ao auxílio com documentação ou pagamento das passagens, bem como ajuda e acolhimento depois da chegada.

Em outra ocasião acompanhei o caso de Ezequiel, jovem haitiano com curso técnico em Mecânica que chegou ao Brasil em 2017. Morou com primos por cerca de um ano em Porto Alegre e não conseguiu mais do que alguns ‘bicos’. Decidiu então mudar-se para Florianópolis, onde tinha uma prima que residia com o marido. Ele ficou alguns meses mas não conseguiu emprego então sua prima me contou que Ezequiel iria embora. Segundo ele, tinha conversado com uns amigos em Itajaí e que “queria ver como era lá”. Ele não sabia ao certo se teria emprego, nem se teria lugar para morar, mas foi assim mesmo. Deslocou-se mais uma vez em busca de algum lugar para permanecer e cerca de dois meses depois mudou-se novamente para Porto Alegre.

As razões, portanto, para os constantes deslocamentos não dizem respeito apenas a busca por trabalho, segurança, ou qualquer outro motivo pré-determinado pelas teorias migratórias. Há um movimento em direção ao devir, a novos começos. Muitas vezes me peguei interpelando-os sobre como seriam suas condições de vida nos novos lugares, caso deixassem o emprego ou as (poucas) certezas e raízes que tinham aqui em Florianópolis, assim como fiz com Jeremy, Ezequiel e outros interlocutores e interlocutoras, e a resposta era sempre algo que remetia a uma incerteza repleta de possibilidades.

Pierre, Ministro da Cultura da antiga AHSC¹³ me dissera assim: “é uma missão, viemos aqui não só para trabalhar, mas para estudar e para melhorar a nossa vida em todos os sentidos”. E o presidente da mesma associação, Marcel, ao redor da mesa da sala decorada com a bandeira do Haiti no centro, completou: “nós viemos para começar de novo no Brasil, é uma nova etapa que exige muita energia e nós jovens, que vivemos fora de nossos países temos uma missão, de trabalhar e estudar para dar uma melhor imagem para nós haitianos que vivemos no Brasil e para todos os haitianos pelo mundo”.

Em kreyòl, Jeremy respondeu quando lhe perguntei sobre como seria na nova cidade *sèl dye ki konen* (só deus que sabe). “Se a coisa melhorar, podemos avaliar, porque sendo cosmopolitas precisamos ser livres, e então quando nos sentimos seguros podemos pensar no que fazer. Temos que experimentar, tudo que aprendermos irá nos servir de alguma forma”, completa Marcel.

Trata-se de constantes improvisações que colocam em relação passado, presente e futuro, assim como espaços diversos¹⁴. Diversas vezes eu anotava no caderno de campo

¹³ Associação dos Haitianos de Santa Catarina (AHSC), com sede em Santo Amaro da Imperatriz. Atualmente não existe mais e foi substituída por outra, homônima, sediada em Palhoça.

¹⁴ Bruno Latour fala de “ser movido, ou antes, o ser posto em movimento” (Latour, 2012, p. 78-9) que move não apenas nossos interlocutores, mas também a nós, enquanto antropólogos que estudamos as (re)agregações do social.

a grande mobilidade de meus interlocutores haitianos e senegaleses, sem deixar de me comover com as muitas partidas e chegadas. O relato abaixo é um exemplo dentre muitos destes registros:

Ontem estive na casa de Desiré e ficamos bastante tempo conversando. Naná, que morava com ela se mudou, foi morar com Rivier, que é o pai do bebê que ela espera. Deixou o antigo noivo que ainda está no Haiti e deve vir para o Brasil nos próximos meses. Falamos sobre os três jovens *restaveks* que ela conhece que estão no Haiti. Ela me disse que seu pai vai recolher os relatos deles para que eu possa conhecer suas histórias e contá-las em minha tese e assim ajudá-los porque, segundo ela ‘eles não tem nada *Janá*, nada!’. Depois fui na casa azul levar fraldas para Josette e Chinailove, que nasceu há duas semanas. Conheci outra moça grávida que chegou na casa junto com seu marido, ambos haitianos. Ficamos conversando em espanhol, língua que o marido, Jacques, já falava por ter morado na República Dominicana. Descobri que Oriane, aluna do curso PLAM, foi morar ali e seu filho, Fernand, que estava no Chile está voltando ao Brasil. Também soube que no final da semana passada Guerline se mudou e foi morar com sua filha e Robert em uma casa na Agrônômica. Fiquei triste porque ela não tem celular e será difícil reencontrá-la, uma vez que ninguém sabia seu novo endereço. Hoje encontrei Dina no centro e ela me disse que se mudou de novo. Acho que foi morar ao lado da casa onde Claire está morando. Soube que Modou e dois outros senegaleses se mudaram para Rio Grande, Zidan disse que voltariam a Florianópolis em dezembro. Agora há pouco Antoine me mandou mensagem, disse que precisa conversar comigo sobre sua prima que está chegando do Haiti¹⁵.

Assim era cotidianamente, entre haitianos e senegaleses. Sempre havia muitas mudanças e não apenas de residência, mas de planos, de empregos, de relações, de horizontes, de sonhos. Os processos migratórios acionam múltiplos engajamentos e experiências, recriam narrativas e transpõem fronteiras físicas e simbólicas, indo muito além do deslocamento territorial por razões econômicas e constituindo um fato social total. A crescente circulação de pessoas é acompanhada pela circulação de ideias, saberes, práticas, afetos, bens, valores, criando fluxos (co)movedores, provocando desdobramentos e novos movimentos, práticas efetivas e afetivas de transformação do espaço, do tempo, de pessoas e mundos. Estes movimentos envolvem os lugares de origem, destino e

¹⁵ Caderno de campo, 06 de setembro de 2017.

locais de passagem, constituindo possibilidades de relação¹⁶, conectando temporalidades e espacialidades, acionando novos movimentos e escapando de políticas (e economias) de imobilidade.

Importa notar que mesmo as pessoas que permanecem nos locais de origem experimentam movimentos que as experiências e narrativas dos que migram desencadeiam. Se lembrarmos Sayad (1998) para quem um imigrante é sempre um emigrante, percebemos a quase materialidade destes laços. Não é a toa que quase todas as proteções de tela dos celulares ou facebook das minhas interlocutoras (bem como de muitos interlocutores, principalmente aqueles que já eram pais) traziam imagens de filhas, filhos, namorados, namoradas, irmãos, irmãs, pais e mães que ainda estavam no país de origem. Via de regra, além das remessas, conversavam com estes diariamente, procurando estabelecer e manter a proximidade apesar da distância física. Se até pouco tempo atrás a comunicação e as narrativas sobre o processo migratório se davam principalmente por cartas (Assis, 1995), definitivamente no século XXI os telefones celulares, principalmente via *whatsapp* e *facebook* tornaram-se fundamentais nos processos comunicacionais cotidianos, além de atuarem como desencadeadores de novos (co)moveres. Devemos lembrar que valores e ideias que tomamos como ocidentais encontram-se presentes em países africanos, assim como caribenhos (e vice-versa). Esta circularidade de informações e valores, aliada a outros fatores e apesar das possíveis distintas apropriações, contribui para impulsionar as migrações.

Decorre daí a ambivalência expressa nos sentimentos de ausência e presença que passam a coexistir tanto para os que ficaram quanto para os que partiram. Trata-se de um processo de montagem que articula territórios, temporalidades, pertencimentos e sentidos. E ainda que o retorno figure como parte do projeto migratório, como horizonte futuro, ele é constantemente redimensionado, reelaborado, adiado e transformado. Isso porque desde que partimos, o que deixamos também se transforma.

Imaginemos como Anna Tsing sugere “um riacho atravessando uma encosta. Enquanto a água desce, esculpe a rocha e move o cascalho; deposita silte lentamente nas curvas; troca de curso e quebra as barreiras da terra após uma tempestade repentina. Assim enquanto o riacho flui, ele faz e refaz seus canais” (Tsing, 2000, p. 327). Enquanto

¹⁶ Marilyn Strathern defende que as relações constituem uma explicitação das conexões: “a relação é uma figura de organização que detém a capacidade de segunda ordem de organizar tanto o semelhante quanto o dessemelhante” (Strathern, 2014, p. 279).

a água segue seu fluxo contornando as margens ela também transforma as margens, que não continuam as mesmas. O local de retorno só permanece o mesmo nas memórias e nas narrativas, que fazem seleções e montagens privilegiando alguns elementos em detrimento de outros.

As falas, movimentos e experiências dos meus interlocutores também constantemente deslocavam minhas certezas em relação aos movimentos propostos e experimentados por eles. A vida para sujeitos migrantes é escancaradamente aberta a improvisações no sentido atribuído por Deleuze, de “juntar-se ao mundo, ou fundir-se com ele” (Deleuze & Guattari, 2004, p. 343-344) e implica em riscos. Mas estes, costumeiramente tomados em sua negatividade, são positivados, como se pode perceber pelas suas narrativas (“tem que lutar sempre”, “estamos lutando, não podemos desistir”). Os riscos convertem-se em potências de transformações, indo ao encontro da proposta de Mary Douglas (1992).

No que tange aos riscos e suas possibilidades, meus interlocutores haitianos e senegaleses os incorporam em suas trajetórias e deslocamentos, assim como em suas narrativas, tal qual Zidan e Claire, com quem começamos este artigo. Segundo Appadurai as migrações favorecem a pluralidade de mundos imaginados e “a imaginação, especialmente quando coletiva, pode tornar-se combustível da ação” (Appadurai, 2004, p. 19), construindo ideias de comunidades e pertencimentos, pois ela “está agora no centro de todas as formas de ação, é em si um fato social e é o componente-chave da nova ordem global” porque:

Mais pessoas em mais partes do mundo consideram possível um conjunto de vidas mais vasto do que nunca. (...) Mais pessoas em todo o mundo vêem as suas vidas pelo prisma das vidas possíveis oferecidas pelos meios de comunicação de massas sob todas as suas formas. Ou seja, a fantasia é agora uma prática social (idem, p. 49 e 78, respectivamente).

Isto não significa, como vimos, irrestritas mobilidades, mas um mundo mais plural, com mais possibilidades que pode inclusive se traduzir em mais frustração quando a expectativa não se confirma. A partir do trabalho etnográfico e da relação desenvolvida com os sujeitos migrantes do Haiti ou do Senegal que passaram por Santa Catarina a partir de 2010 e com aqueles que se estabeleceram no estado, foi possível compreender

que as migrações colocam em relação espacialidades e temporalidades diversas na medida que as ambivalências do processo de migrar se confrontam ou se articulam com as imobilizações e resistências locais, transnacionais e globais, bem como com tudo aquilo que existe no espaço físico e simbólico entre estas dimensões e através das fronteiras¹⁷. As distâncias deixam assim de ser índices absolutos para tornarem-se relativas, maleáveis, móveis, assim como os espaços (e as temporalidades e identidades) deixam de ser fixos, imóveis e estáveis. Mas estes deslocamentos não acontecem sozinhos, ou tampouco acontecem porque não existem resistências, violências e precariedades interpostas àqueles e aquelas que buscam se deslocar.

Os deslocamentos e movimentos de pessoas e mundos acontecem porque existe, por parte dos sujeitos migrantes abertura, agência, cosmopolitismo e procura, porque existem incertezas e improvisações, porque ‘navegar é preciso’ e porque é *barça ou barsak*¹⁸, ainda que as (i)mobilidades e facilidades de circulação não sejam as mesmas para todas as pessoas e em todos os espaços e tempos. Além disso, as migrações confrontam as arbitrárias fronteiras espaciais, sempre passíveis de novos movimentos, bem como as fronteiras temporais dos Estados-nações, cuja lógica remonta, no máximo, há pouco mais de dois séculos. Desta forma, podemos considerar que os migrantes reivindicam sua inscrição no ‘sistema-mundo’ relativizando as fronteiras no tempo e no espaço. As experiências diaspóricas afrocaribenhas e africanas (senegalesas) que apresentam diferentes graus de continuidade tanto ao longo de sua história quanto ao longo do período em que as acompanhamos. Elas estão inter-relacionadas e se influenciam reciprocamente assim como desencadeiam outros movimentos, num processo dialógico e de constante transformação.

A noção de ‘diasporização’ que adoto possibilita pensar a dispersão de ideias, saberes, práticas, informações, bens e afetos provocada pelos deslocamentos de pessoas. A palavra diáspora tem origem grega e descreve a dispersão de sementes, mas também de pessoas¹⁹. Ela foi utilizada para referenciar os deslocamentos de israelitas hebraicos e

¹⁷ Fronteiras de tempos, de espaços, fronteiras sociais, culturais, raciais, simbólicas, etc. Todas elas construídas socialmente, repletas de liminaridades, instáveis e deslocáveis. Segundo Agier (2015) as fronteiras precisam ser continuamente atualizadas pelos ritos.

¹⁸ Esta expressão em *wolof* (língua mais falada pelos migrantes senegaleses que vieram para Santa Catarina) significa literalmente ‘ir para Barcelona ou morrer no caminho’ e refere-se à ideia de que muitas vezes migrar era a única opção para escapar da morte, física ou simbólica.

¹⁹ *Diasporein* em grego significa semear. A etimologia vem do grego *dia* que significa através e *speirein*, que significa semear ou dispersão.

sua dispersão pelo mundo em diferentes períodos históricos assim como lutas políticas e poéticas de determinadas comunidades²⁰. Mas mesmo no caso dos judeus o termo precisa sempre ser contextualizado. Judith Butler, ela própria judia norte-americana, comentando as ações do *Tàayush* ('viver juntos' em árabe), grupo de pessoas israelitas que é contra a política de Estado de Israel e manifesta-se pela defesa dos direitos da população palestina, inclusive levando alimentos, nos diz que “poderia se dizer que trata de elementos diaspóricos trabalhando dentro do próprio Israel para desterrar os pressupostos nacionalistas dominantes” (Butler, 2009, p. 152, tradução livre). A diáspora pode ser pensada neste sentido como não estando necessariamente longe de casa, mas através de experiências de dissenso.

Os primeiros usos do conceito diáspora africana e atlântica relacionam-se aos chamados Estudos Africanos (*Black Studies*) surgidos ao longo dos anos 1960 que passaram a se referir às pessoas deslocadas forçadamente desde a África como ‘diáspora africana’, chamando atenção para suas conexões com o país ou o continente de origem e para o tratamento que lhes era destinado em diferentes regiões no continente americano, tendo em comum a opressão, a violência e a subalternidade por conta da racialização e discriminação decorrente do passado escravagista. Segundo Paul Gilroy,

Reconhecer a história intercultural do conceito de diáspora e sua transcodificação pelos historiadores da dispersão negra no hemisfério ocidental continua a ser politicamente importante (Gilroy, 2012, p. 394)²¹.

Desta forma por volta dos anos 1960 a ideia de diáspora consistiu tanto numa extensão como uma resposta ao pan-africanismo por parte de afrodescendentes que viviam fora da África e colocavam ênfase na circulação política e cultural de pessoas, ideias, saberes e práticas buscando um pertencimento identitário flexível, multilocalizado e desterritorializado. As culturas diaspóricas negras aparecem como múltiplas através de cruzamentos, migrações, explorações, viagens, interconexões e circulação de pessoas,

²⁰ Ver Stuart Hall (2003), Clarke (2010) e James Clifford (2008).

²¹ A associação entre racismo e antisemitismo Gilroy (2012, p. 401), apesar de negligenciada na história das ciências humanas é sugerida por Primo Levi (1988) no livro *É isto um homem?*, em que ele aponta, entre outras similitudes, para o processo de construção de anonimato experimentada nos campos de concentração alemães e sua correspondência com o caráter anônimo que a escravidão impunha aos escravizados.

que junto consigo deslocam ideias, tecnologias, ritmos, formas culturais, etc., articulando discursos de unidade tendo como base a luta contra o racismo, o preconceito e a segregação.

James Clifford (2008) insiste que o conceito não se limite a um único sentido ou povo, enfatizando a diversidade de experiências diaspóricas existentes. No livro *Routes: travel and translation in the late twentieth century*, Clifford (1999) questiona-se sobre como os discursos sobre diáspora representam experiências de deslocamentos e oferece uma definição de diásporas que foge aos essencialismos, no sentido de não ligar as comunidades diaspóricas a um Estado ou nação e tampouco à sensação de perda e necessidade de retorno. Para o autor as diásporas constituem novas formas de consciência que emergem no contexto pós-colonial, tensionando utopias e distopias, coletividade e solidariedade, contrapondo-se à fragmentação, à desterritorialização e à homogeneização. Neste sentido as diásporas e o processo de diásporização constituem-se em reações à hegemonia política e cultural e em críticas ao capitalismo, além de contribuírem para a construção de relações com movimentos transnacionais (políticos, culturais, religiosos) que buscam superar os obstáculos das fronteiras nacionais, da territorialidade, da seletividade e dos preconceitos.

Para Stuart Hall (2003) a diáspora permite-nos compreender as nações como comunidades imaginadas na medida em que as fronteiras físicas impostas pela geopolítica mundial são tornadas relativas, maleáveis e em constante movimento pelos sujeitos migrantes. Mais do que estar restrita a um país, a diáspora permite a articulação de sujeitos que se encontram espacial e temporalmente em movimento desde há muito tempo.

Segundo Clifford “em todas as culturas da diáspora está presente alguma versão desta tensão utópica/distópica” (Clifford, 2008, p. 322): por um lado, a circulação de ideias e pessoas e as múltiplas possibilidades criativas decorrentes e por outro a permanência e a constante atualização das estruturas racistas. De acordo com Joseph Handerson “em 1990, tinha-se generalizado o uso do termo diáspora, tornando-se comum entre os haitianos no Haiti e fora dele” (Handerson, 2015, p. 345).

A noção de ‘diáspora’ serve para pensar uma forma de cultura multilocal e no caso dos haitianos e senegaleses que acompanhamos, desterritorializada das nações, multi-situada em múltiplas ancoragens, uma vez que não se concentra necessariamente em uma única localidade, de forma que a ‘comunidade’ só pode ser apreendida por um olhar externo ou através de elementos conectivos internos como a língua, os costumes, a

religiosidade, as festas, músicas, danças, gastronomia, algumas memórias e características nacionalistas, hábitos de vestir, doenças ou morte de algum conterrâneo, etc, acionados contextualmente. Pensadas desta forma as diásporas podem apresentar bases econômicas, políticas, religiosas, raciais, culturais e envolver forças coloniais, neocoloniais, comerciais, linguísticas e imagéticas, assim como podem realizar bricolagens e sobreposições entre todos estes elementos.

É, portanto, a partir de deslocamentos no tempo e no espaço são atualizados os significados das diásporas e dos processos de diásporizações. O futuro, meus interlocutores dizem incerto, pois como Maya me falou, “o Haiti não tem por onde começar a mudar, tem muita coisa errada, lá está muito difícil e ninguém mais quer ficar lá. Você imagina um país em que nenhum dos seus filhos quer ficar? Em que todos querem ir embora? Este é o Haiti!”. E não se trata apenas dos legados do Império e da colonização, tampouco dos efeitos do terremoto de 2010, mas da falta de um horizonte imaginativo que permita projetar o Haiti no futuro. Dr. Yvens, presidente de uma associação de migrantes haitianos, quando questionado sobre os usos da palavra diáspora me disse:

Não é a palavra que eu mais gosto porque não existe apenas uma diáspora haitiana. Em cada lugar que eu vou e tem haitianos é diferente. Os haitianos que migram para os Estados Unidos e Canadá são de um tipo, os haitianos que vão para a República Dominicana são de outro e os haitianos que vem para o Brasil são de outro. Assim, podemos falar em diásporas mas não em diáspora.

A esta conclusão ele chegou, segundo me contou, depois de ter morado muitos anos nos Estados Unidos, cinco na República Dominicana, de ter passado períodos com os haitianos no Chile, no México, na Argentina, no Canadá, no Equador e no Brasil²². Abi me disse que os brasileiros pensavam que todos os senegaleses se conheciam e pensavam da mesma forma, mas de fato, entre todos os senegaleses que encontrou no Brasil, nenhum era seu conhecido no Senegal, exceto a esposa que veio após se casarem. Maya também afirmou que,

²² Esta sua fala encontra eco na classificação feita por Franck Seguy havia “3 opções de saídas individuais no Haiti. Para os profissionais diplomados, o emprego mais cobiçado passa pelas ONGs; para a massa dos outros trabalhadores mais precários, a Internacional Comunitária se propõe a impor empregos nas ZFI. Para todos, a terceira opção, alternativa às duas primeiras, é a emigração, mas em direção diferente: o Canadá para os primeiros; as Antilhas (hoje o Brasil) para os segundos” (Seguy, 2017, p. 81).

Os brasileiros pensam que todos os haitianos que vivem aqui se conhecem, mas existem médicos, engenheiros, enfermeiras, pedreiros, motoristas, estudantes, homens, mulheres, pessoas do interior e pessoas mais cosmopolitas, pessoas que gostam de estar aqui e pessoas que querem voltar, pessoas de diversas confissões religiosas e com pensamentos bastante diversos. Os brasileiros sempre imaginam o Haiti como um país pobre, aniquilado e miserável mas a verdade é que lá nenhuma pessoa dorme na rua como aqui. Pode até passar fome ou comer pouco mas sempre tem onde dormir.

As diásporas, portanto, são plurais, não são fixas, não constituem tipos ideais²³, não são estáveis nem eternas. As diásporas estão atreladas ao Estado-Nação ao mesmo tempo em que o subvertem e ampliam suas fronteiras. Estão em processo, em construção e em dispersão, criando continuamente ‘comunidades imaginadas’ (Anderson, 2008) transnacionalmente, atualiza-se através dos deslocamentos de pessoas, bens, remessas, mercadorias, dinheiro, informações, saberes, práticas e afetos. Mas as comunidades diaspóricas haitianas e senegalesas também acionam memórias seletivas sobre os locais de origem e o passado, ao mesmo tempo que apontam devires migratórios, constantemente abastecidos por narrativas e performances. Yaram, a este respeito me disse “se tocou em um, tocou em todos, solidariedade, nós somos solidários, somos uma equipe. Os senegaleses que estão fora são a diáspora”. Os sentidos diáspora nesta sua forma plural e expandida portanto propõe poéticas e políticas de transformação social ao subverter limites e fronteiras dos estados-nações e hegemonias políticas, econômicas e culturais, convertendo os sujeitos migrantes em agentes de diaspORIZAÇÃO e transformação social.

Referências

AGIER, Michel. 2016. *Les Migrants et Nous: Comprendre Babel*. Paris: CNRS Éditions, 2016.

²³ De acordo com James Clifford devemos ter “cautela para construir nossa definição de um termo como ‘diáspora’ recorrendo a um ‘tipo ideal’, com a consequência de que se identifique a alguns grupos como mais ou menos diaspóricos quando só possuem duas, três ou quatro dos seis traços básicos. Até as formas ‘puras’, segundo se tem mostrado, são ambivalentes, inclusive conflitivas, no que se refere aos seus traços básicos” (Clifford, 2008, p. 305, tradução livre). Os traços básicos aos quais o autor se refere são: história de dispersão, mitos e memórias da terra natal, alienação no país de recepção (e/ou recepção ruim), desejo de regresso, apoio à terra natal e uma identidade coletiva definida por esta relação. Entretanto seria mais produtivo identificar as fronteiras da diáspora às suas características.

- _____. 2011. *Antropologia da Cidade: lugares, situações. Movimentos*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2011.
- ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- APPADURAI, Arjun. 2004. *Dimensões Culturais da Globalização: a Modernidade sem Peias*. Lisboa: Teorema.
- ASSIS, Gláucia. 1995. *Estar aqui, Estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). UFSC, Florianópolis. Orientação de Miriam Grossi.
- BACHELARD, Gaston. 1975. [1957] *La poética del espacio*. México: FCE.
- Benjamin, Walter. 2012. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- BUTLER, Judith. (2009). *Dar cuenta de sí mismo. Violência ética y responsabilidade*. Buenos Aires, Amorrortu.
- CESAIRE, Aimé. 2011. *Caderno de um retorno ao país natal*. Ilha de Santa Catarina: Ed. Terceiro Milênio.
- CERTEAU, Michel de. 2014 [1990] *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- Clifford, James. 1998. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX*, Rio de Janeiro: Edufrj.
- _____. 1999. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*, Massachussets, Harvard University Press, 1997.
- _____. 2008. *Itinerarios transculturales*. Barcelona: Gedisa, S.A.
- CRAPANZANO, Vincent. 2005. Horizontes imaginativos e o aquém e além. *Revista de Antropologia*, 48(1), 363-384. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012005000100009>.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. 2004. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Ed. Assírio e Alvim.

- DOUGLAS, Mary. 1991 Pureza e perigo: ensaios sobre as noções de poluição e tabu. Lisboa, Edições 70.
- FALL, Papa Demba. 2010. Sénégal: Migration, marché du travail et développement. Projet de recherche faire des Migrations un facteur de developpement: Une Etude Sur L'afrique du Nord et L'afrique de Louest. Organisation internationale du Travail (Institut international d'études sociales).
- GILROY, Paul. 2012. O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos.
- GLISSANT, Édouard. 2011. Poética da Relação. Sextante Editora.
- _____. 2005. Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora: Editora UFJF.
- HALL, Stuart. 2003. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- HANDERSON, Joseph. 2015. Diaspora. As Dinâmicas da Mobilidade Haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.
- INGOLD, Tim (2010). Da transmissão de representações à educação da atenção. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.
- KOFF, Harlan. 2014. Back to the future? Intra-regional Migration and Development in West Africa. In: BOESEN, E; MARFAING, L. (orgs.). Mobilités dans l'espace ouest-africain. Paris: Éditions Karthala.
- RETAILLÉ, D.; WALTHER, Olivier. 2014. Space and Mobility: lessons from the Sahel to the globalized world. In: BOESEN, E; MARFAING, L. (orgs.). 2014. Mobilités dans l'espace ouest-africain: ressources, développement local et intégration régionale. Paris: Éditions Karthala.
- SAKHO, Pape; DIOP, Rosalie Aduayi; MBOUP, Bara; DIADIOU, Diodio. 2015. A emigração internacional senegalesa: das casas no campo às cidades litorâneas. In:

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti (org.). Migrações Internacionais. Caxias do Sul, RS: Belas-Letras.

SAYAD, Abdelmalek. 1998. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP.

Tsing, Anna. 2000. "The Global Situation." Cultural Anthropology, Vol. 15, No. 3, Aug. 2000. 327- 60. Electronic.

Turner, Victor. 2008. Dramas, Campos e Metáforas. Niterói, EDUFF.

_____. 2013. O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.